

## LITERAGINGA: PERGUNTAS E RESPOSTAS SOBRE O FEMININO E A CAPOEIRA NA OBRA *CAPITÃES DA AREIA*

Katiane Martins de Oliveira<sup>1</sup>  
Lilian Lima Gonçalves dos Prazeres<sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho se dedica a refletir sobre a submissão feminina imposta historicamente, tendo como objeto de análise a personagem Dora, do livro *Capitães da Areia* (1937), de Jorge Amado. Objetiva estabelecer relações entre a mulher e a capoeira e questionar o lugar inferiorizado da mulher capoeirista. A análise utilizará como suporte teórico a Teoria Literária Feminista, exposta por Moi (2006); a noção de subalternidade, trabalhada por Spivak (2010); fomentando aspectos da literatura, a partir de Antônio Cândido (2006). Para pensar na capoeira e no feminino utilizará a produção científica de Rosângela Costa Araújo (2017). O estudo busca a verificação cultural do neologismo “literaginga” criado para construir diálogos entre capoeira e literatura.

**Palavras-chave:** Literatura; Feminismo; Capoeira.

### INTRODUÇÃO

Historicamente o discurso predominante na literatura foi o do ponto de vista hegemônico, masculino. Tais circunstâncias reforçam os ideais patriarcais acerca da inferiorização da mulher, características essas que perpassam pelas linhas dos romances, visto que, durante muito tempo, esse modelo fez com que as mulheres fossem retratadas de forma submissa. A literatura é uma manifestação social tanto para quem escreve, quanto para quem lê. Desse modo, compreendendo-a como prática influenciadora, ela dissemina valores defendidos pela classe dominante para toda sociedade, inclusive para as classes que, por muitas vezes, é dominada. Ao pontuar a relevância dos mecanismos que a literatura estabelece, é fundamental questionar tais estruturas. E isso foi feito utilizando justamente a literatura para apontar suas limitações.

### METODOLOGIA

A metodologia está pautada num estudo bibliográfico, com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Este trabalho

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas, turma 2016.2 da Universidade do Estado da Bahia -UNEB- Departamento de Educação *Campus X* Teixeira de Freitas - BA. E-mail: [katiane.martins@gmail.com](mailto:katiane.martins@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutorado em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil (2019) Professora da Universidade do Estado da Bahia, Brasil.

questiona as representações de estruturas ficcionais encontradas na obra, em que há uma evolução na construção da personagem, como os rituais de passagens pelos quais Dora passou. Pretende apontar o apagamento da personagem enquanto praticante de capoeira de rua. Serão coletados no romance em questão fragmentos para sustentar as afirmativas.

## **DISCUSSÕES E RESULTADOS**

Para a construção deste trabalho foi realizado um panorama dos principais conceitos que o envolve até chegar ao objeto da discussão. A proposta consistiu em uma vadição<sup>1</sup> de conceitos, de maneira que os autores e suas construções aos poucos aparecessem de forma contínua e intercalando-se. Inicialmente, foi apresentado o papel social da literatura. Com uma abordagem que encare a obra literária, como um conjunto de fatores sociais que atuam sobre a formação da mesma.

Essa pesquisa apresenta discussões acerca da complexidade na construção da personagem Dora, pois nota-se em sua construção ficcional ritos de passagem, que resultam em mudanças na sua representação ao longo do romance. Ademais, a própria marginalização vivida pela personagem, aproximando-a com a marginalização pela qual a capoeira passou, foram elementos importantes de análise no romance. Com isso, intencionou-se aqui, construir um diálogo entre a literatura e capoeira, através de Dora, buscando interpretações e afirmações que coloquem essas duas forças juntas, como representação de rupturas na obra.

A capoeira na literatura é citada, descrita e representada através de obras que variam entre romances, crônicas e poesias. Já a capoeira através de suas cantigas traz aspectos da literatura, do narrar uma história, isso faz com que essas duas manifestações artísticas se unam, e é a partir dessa junção que nasceu a necessidade em se criar um neologismo capaz de abarcar tais manifestações, pois tanto a literatura como a capoeira se auto-propagam. Assim, ao aproximar a constância da base da capoeira, a ginga, e a literatura, surgiu o neologismo “literatinga”. Tal neologismo foi criado também a partir do movimento expresso pela história contada no romance em que a personagem Dora vai vencendo os obstáculos, lutando/gingando, e se firmando

---

<sup>1</sup> Essa era a palavra utilizada pelos antigos capoeiras baianos para designar o que hoje chamamos de jogo de capoeira. Há aqui uma inversão dos valores dominantes, por meio do tom positivo dado aos termos vadição e vagabundagem. Patinha dirá num tom elogioso que capoeira “é uma coisa vagabunda”. Palavra que apresenta sinônimos: ócio, léu, gandaia. (REGO, Waldeloir. Capoeira Angola: ensaio sócio – etnográfico. Salvador, 1968).

enquanto mulher, capoeirista, membra dos capitães da areia. Segundo Leda Martins (1995), a ginga é um dos repertórios/memórias do povo negro, de suas histórias e lutas. Com isso é possível estabelecer um diálogo entre a literatura e o jogo de capoeira, fazendo uma infusão com a ginga, que assim como a escrita de Jorge Amado, estabelece um ritmo cadenciado de resistência na sociedade da época.

Como disse Mestre Pastinha (2017, s/p): “A capoeira é tudo o que a boca come”. Partindo dessa metáfora, reafirma-se a necessidade de comer a literatura, como forma de resistência e existência da mulher na capoeira, e, desse modo, sinalizar as suas construções e representações na literatura. À vista disso, pensou-se no contexto histórico social da capoeira, que durante muitos anos foi colocada como prática proibida, e que, por sua vez, restringia a participação de mulheres, que durante muito tempo foram colocadas como coadjuvantes nesta prática, criando assim camadas de marginalizações. Tais acontecimentos, que também estão presentes no romance em questão, possibilitam discussões em que a capoeira, estereotipada como prática marginal, se apresente como mecanismo de ruptura, estimulando o empoderamento da personagem Dora.

É fato que existe grande dificuldade em contar a história da capoeira, e tendo historicamente como fio condutor a figura masculina, esse processo fica mais duro ainda quando tenciona-se fazê-lo sob uma perspectiva feminina. Dizer que a capoeira no século XX era em sua grande maioria praticada por homens é uma verdade, no entanto é errôneo afirmar que as mulheres não faziam parte dessa história. Segundo Silva (2015), na formação dos grupos de capoeira no século XIX era comum a participação dos homens, mas as mulheres, dificilmente eram citadas. Essa afirmação faz pensar que existiam sim mulheres praticantes de capoeira desde o século XIX, mesmo que em pouquíssima representatividade. Outra questão importante a ser pontuada é o fato de que naquela época, as poucas praticantes de capoeiras eram sempre retratadas com estereótipos masculinos, ou mulheres da vida, deixando a entender que a mulher praticante de capoeira não era alguém corajosa e ágil, mas sim de vida fácil, meretrizes, uma forma de colocar essas praticantes em camadas inferiorizadas, afirmou Oliveira Leal (2009).

É através do movimento que a capoeira se desloca, e esse deslocamento provoca rupturas sociais. O movimento, elemento característico do jogo, vai além de seus golpes, é algo contínuo. Segundo Adorno (1999), a expressão corporal nos ensina há milênios uma linguagem sem palavras que permite a comunicação,

estabelece a fraternidade nos gestos comuns, a dança revela os sentimentos e evidencia ideias.

Ao construir uma análise acerca das configurações sociais, que ao dialogar entre si, promovem intensa reflexão dos mecanismos sociais que determinam a sociedade, é importante teorizar conceitos que representam o lugar de ocupação do ser, partindo de experiências e culturas pessoais, além de pensar como determinadas narrativas podem servir de suporte para ampliação de leitura. Ademais, pensar a configuração de passagem do estado do ser/torna-se mulher, na perspectiva exposta por Simone Beauvoir (2009), a de que “Não se nasce mulher torna-se mulher”, é possível notar, a utilização do gênero como categoria analítica, em que torna-se nítido a desigualdade entre os sexos em todo tipo de relação social e de poder.

Pressupondo que a literatura desempenha papel social, evidentemente reflete características da sociedade, como o lugar destinado à mulher, foi possível perceber com nitidez esse lugar feminino de repetições de papéis, na obra de Jorge Amado. Isso ocorre quando, por exemplo, em uma passagem do romance *Dora é vista pelos capitães de areia* como figura materna. Concomitante a isso, pode-se questionar o lugar de ocupação e resistência, quando Dora passou a praticar capoeira, tal atitude apontou a uma outra discussão pertinente, o lugar da mulher na capoeira, pois ao romper com os papéis pré-estabelecidos da mulher, a personagem deu visibilidade à sua história e protagonismo, denunciando a desigualdade de gênero ainda presente nessa manifestação cultural. É importante salientar que o gênero também é construído por outros aspectos de grupos identitários como raça, classe, etnia, por exemplo. É possível notar que em vários momentos o autor cria construções do que é ser mulher, a partir de uma ótica do patriarcado.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho se fez necessário tanto para a contribuição de uma análise feminista acerca da personagem Dora, como para a contribuição e reconhecimento do espaço da capoeira como instrumento de libertação. Ao pensar nas andanças da capoeira e em seus movimentos, pode-se fazer paralelos com a forma em que ela, a capoeira, ganhou espaço em tantos lugares ao longo dos anos, inclusive na literatura. A capoeira transforma, modifica e atualiza suas práticas, usa o círculo da roda como forma de girar com o mundo para se manter em constante movimento. Já a literatura além de questionar repetições sociais, nos faz refletir sobre o mundo a nossa volta.

Candido (2006) nos faz refletir que na literatura o externo importa não como causa, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, neste caso o social. Tais problemáticas auxiliaram no objetivo central deste trabalho, em apontar a anulação/empoderamento da personagem enquanto praticante de capoeira.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Camille. **A arte da capoeira**. 6ª. ed. Goiânia, GO: Kelps, 1999.

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. 4ª edição conjunta. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

AREIA, Almir das. **O que é capoeira**. São Paulo, Brasiliense, 1983

BEAUVOIR, S. **O segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2009.

BRASIL. Decreto nº 847 de 11 de outubro de 1890. **Promulga o Código Penal**. Disponível em: < <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 26 de junho de 2016.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CRUZ, José Luiz Oliveira. **A capoeira angola na Bahia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1997.

\_\_\_\_\_. **Capoeira angola: do iniciante ao mestre**. Salvador: EDUFBA; Pallas, 2003.

FARIAS, Eny Kleyde Vasconcelos de. **Maria Felipa de Oliveira: heroína da independência da Bahia**. Salvador: Quarteto, 2010.

FALCÃO, José Luiz Cirqueira. **O jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2004.

FERNANDES, C. C. SILVA, P.C.C. (2009) **Um estudo sobre a participação feminina na capoeira em Campinas/SP**. Educação Física em Revista, 2 (2).

**História da capoeira; mestre Pastinha e outros mestres**, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FPzGrKHZ2xQ&t=86s> Acesso em: 15 mar. 2020. (Mín.1:23).

LACOMBE, Américo Jacobina, **Rui Barbosa e a queima dos arquivos**. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988.

MAURICIO, Acuña. **A ginga da nação: intelectuais na capoeira e capoeiristas intelectuais**. São Paulo: Alameda ed.1, 2014.

MARTINS, Leda Maria. **A cena em sobras**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.

MOI, Toril. **Teoria Literária Feminista**. Trad. Amaia Barcéna. Madrid: Cátedra, 2006.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **Capoeira, Identidade e Gênero: Ensaio Sobre a História Social da Capoeira No Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2009.

RODRIGUES, Judivânia Maria. **O corpo feminino no jogo da capoeira angola**. Curitiba: Anais eletrônicos, 2017.

SILVA, R.F. **A Mulher na Capoeira e a Participação no Movimento de Resistência ao Sistema Racista e Patriarcal**. IV Seminário Enlaçando Sexualidades, V.1, 2015.

SAMPAIO, Theodoro. **O tupi na geografia nacional**. Brasil: Ed. Nacional; 1987.

SILVA GO. **Capoeira do engenho à universidade**. 2a ed. São Paulo: o autor; 1995.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.